

MEU FILHO É SURDO E AGORA: DO DIAGNOSTICO AO BILINGUISMO

Aurenice Almeida de Mesquita¹
Marcia Pereira de Sousa²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apontar a importância do bilinguismo e mostrar as possíveis dificuldades de pais de filhos surdos, com a comunicação que se faz necessário pelo uso da LIBRAS no ambiente familiar. Assim sendo, apresentamos um relato de experiência revelando a diferença que faz a comunicação com minha filha surda e os desafios enfrentado entre o diagnóstico à aquisição de uma nova língua. Pretendo com este estudo despertar os pais sobre a necessidade de se comunicar e lutar por uma inclusão linguística do seu filho surdo. Dentre as evidências apontadas estão a importância da LIBRAS e dos centros de atendimentos às pessoas surdas, bem como o contato com outros surdos para o desenvolvimento linguístico do surdo e de seus pais adquirir a LIBRAS como segunda língua para ouvintes. O desafio que vai da aceitação à luta pela inclusão e interação com a comunidade surda torna-se uma batalha para a efetivação do bilinguismo, embora não seja uma tarefa fácil. Levando-se em conta todo o processo de aceitação e adaptação, o presente trabalho, além de apontar possíveis soluções, apresenta também uma percepção sobre as barreiras, as vezes, impostas aos surdos e seus familiares como uma questão de sair da situação cômoda, para a satisfação de dever cumprido.

Palavras-chave: Libras; Surdez; Pais ouvintes; Bilinguismo.

INTRODUÇÃO

O bilinguismo vem sendo discutido nos últimos anos como forma de inclusão do sujeito surdo no Brasil e no mundo. A comunidade surda brasileira luta por um país bilíngue no qual a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS seja usada como meio de comunicação entre surdos e ouvintes, incluindo o ambiente familiar, onde o surdo começa adquirir a linguagem, assim deixando de vez o oralismo no passado. Desta forma, Capovilla nos diz que:

¹ Licenciada em pedagogia pela Universidade Potiguar – UNP, graduanda em Letras/Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras pela Faculdade Maciço do Baturité – FMB, aurenice.mesquita@ufersa.edu.br.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras, especialista em Libras e Práticas Pedagógicas Aplicadas à Educação Bilíngue de Surdos e Especialista em Educação Técnica e Tecnológica pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, marcia.sousa@ufersa.edu.br.

O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se, como um membro produtivo, ao mundo dos ouvintes (CAPOVILLA, 2000, p. 102).

O presente estudo tem por objetivo abranger as discussões de como o bilinguismo é importante para surdos e familiares de forma a promover a inclusão, compreender o processo de aprendizagem da LIBRAS através da utilização de recursos didáticos e mostrar a importância dos pais incentivarem seus filhos a terem contato com a comunidade surda para que ambos sejam fluentes e facilite esse processo de aprendizagem. A temática nos faz refletir sobre a importância da comunicação entre surdos e seus familiares, às novas possibilidades de estratégias e/ou metodologia que possam ser desenvolvidas na comunicação logo após o diagnóstico da surdez.

A metodologia utilizada foi um relato de experiência, utilizando pesquisa descritiva e exploratória, bem como levantamento teórico por meio de bibliografias publicadas sobre a temática, com isso, foi possível compreender o processo histórico da inclusão de surdos, os conceitos básicos como a LIBRAS, bilinguismo e surdez, e também reafirmar a importância de se apropriar dos meios mais adequados de comunicação entre surdos e ouvintes.

O que me motivou abordar esse tema foi a experiência como mãe de surda, depois do diagnóstico tive que aprender LIBRAS, para estabelecer uma comunicação mais efetiva com a minha filha. A importância da comunicação entre nós, evidenciada nos primeiros anos de vida, incentivou a buscar o conhecimento a respeito da língua de sinais e espaços que proporcionassem a conquista desta língua. Neste processo, a minha vida foi se transformando, pois fui adquirindo a língua de sinais e hoje sou bilíngue.

Goldfeld (1997), afirma que:

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada língua natural dos surdos, e como segunda língua, a língua oficial de seu país. [...] O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se apropriar do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. Isto não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como único objetivo educacional do surdo, nem como possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez (GOLDFELD, 1997, p. 42-43)

É de suma importância para os pais de filhos surdos, como também para a comunidade surda a comunicação entre seus familiares, evitando uma barreira linguística entre seus pares e a sociedade como um todo. A comunicação é um bem social.

Para melhor compreensão do estudo, este trabalho está organizado em cinco seções, sendo esta primeira, a Introdução. Na segunda seção, apresenta-se a Metodologia. A terceira seção é composta pelas reflexões sobre Os processos de desenvolvimento da LIBRAS. Na quarta seção apresentamos os Conceitos e caminhos que levaram ao bilinguismo, e, na última seção, são expostas as Considerações Finais.

METODOLOGIA

Pensar em um caminho metodológico para a realização de uma pesquisa que conduz ao entendimento da necessidade da comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, e como o bilinguismo torna-se importante neste processo, implica na escolha de uma análise que contemple o caráter deste estudo. Neste sentido, executaremos um relato de experiência, assim como a abordagem da pesquisa bibliográfica mostram-se a mais adequada, pois, segundo Lima e Miotto, (2007, p. 38) este tipo de pesquisa “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Compreende-se a necessidade do uso de instrumentos que possam auxiliar de maneira reflexiva e sistemática, e que propiciem subsídios para alcançar o objetivo proposto. A partir do exposto, entende-se que a pesquisa bibliográfica possibilita instrumentos capazes de subsidiar na construção do trabalho que se pretende realizar.

Portanto, faz-se necessário uma sistematização dos trabalhos a serem investigados, a partir de fichamentos das ideias principais. Pode-se fazer uma delimitação do tema e dos trabalhos, a partir daqueles que tiverem maior afinidade com a temática envolvida, ou seja, que focalizem discussões pertinentes à pesquisa.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LIBRAS

A LIBRAS é reconhecida pela Lei nº 10.436/02 como a primeira língua para surdos, e usada pela maioria destes sujeitos no Brasil. Em 22 de Dezembro de 2005, começa a vigorar o Decreto nº 5.626, que regulamenta a Lei nº 10.436/02 e a Lei nº 10.098/04. Desta forma, foi possível conquistar alguns direitos, tais como:

- O reconhecimento da LIBRAS como a língua natural dos surdos brasileiros;
- A formação de professores e instrutores em LIBRAS.
- A formação do tradutores e intérpretes de LIBRAS;
- A garantia do direito a educação e saúde das pessoas surdas ou deficiência auditiva;
- Foi estabelecido o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da LIBRAS.

A língua materna do surdo é a LIBRAS, e o português é a segunda língua pátria. Entretanto, muitas pessoas ainda acreditam que a língua de sinais é somente um conjunto de gestos que interpretam a língua oral, mas no 1º artigo, da Lei nº 10.436/02 no parágrafo único define LIBRAS como:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motor, com estrutura gramatical própria, consiste em um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A LIBRAS é uma língua completa, porém expressa complexidade, quando comparada a línguas orais. A sua gramática é diferente da língua portuguesa, pois ela expressa como o surdo compreende e percebe a realidade. As línguas de sinais não são limitadas, o seu vocabulário está em constante transformação com novos sinais introduzidos pelos os usuários, isso ocorre devido às mudanças culturais e tecnológicas. Assim, a cada necessidade de denominar algo, surge um novo sinal. Este sinal é analisado pelos usuários da língua de sinais e depois de aceito pela comunidade surda é utilizado e compartilhado pelos demais membros da sociedade.

A língua de sinais possui uma estrutura gramatical própria, com regras morfológicas, sintáticas e semânticas, nas palavras de Gesser (2009):

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade. (GESSER, 2009, p. 27).

Como acontece em outras línguas, existem as variações linguísticas nas diferentes localidades do país, portanto a LIBRAS sofre o processo de variação linguística regional. Desta forma, compreende-se que onde um mesmo sinal é utilizado em uma determinada cidade do Brasil significando uma palavra pode, por exemplo, ter significado diferente em outra cidade do mesmo país e inclusive pode ter mais de um sinal para a mesma palavra. As línguas de sinais são naturais de modalidade gestual, visual e espacial, e por isso que a variação nesta língua é perfeitamente compreendida como uma forma de criação, transformação e adaptação de sinais por seus usuários.

Na próxima seção apresentamos a trajetória percorrida para chegar ao bilinguismo, expondo aspectos relacionados à surdez, ao diagnóstico recebido pela equipe médica, evidenciando algumas dificuldades vivenciadas pelo surdo e sua família e por último encontra-se um panorama da trajetória percorrida para a aquisição da língua de sinais.

CONCEITOS E CAMINHOS QUE LEVARAM AO BILINGUISMO

Surdez

A surdez é caracterizada como um problema sensorial que apresenta dificuldades na recepção e percepção de sons. Lima (1997), argumenta que a surdez ocorre em graus diferentes (interfere na aquisição da fala, entretanto, o indivíduo pode se comunicar por meio da linguagem oral), ao mais profundo (impedido o indivíduo de adquirir a linguagem oral).

Na fase inicial da vida, se as crianças surdas não receberem um atendimento adequado terão sérios problemas e dificuldades no que diz respeito ao desenvolvimento de sua competência linguística, assim os tornando mais tarde sujeitos sem participação ativa na sociedade. Quando se trata da pessoa com surdez, essa falta de audição e a falta da linguagem

oral, tornam-se mais evidente em uma sociedade ouvinte que a comunicação é predominantemente pela fala, assim o surdo sofre com a privação da fala e de informações essenciais que podem interferir de forma significativa em sua vida. Desse modo, Goldfeld (2002) conclui:

É pela linguagem que se constitui o pensamento do indivíduo. Assim a linguagem está presente sempre no sujeito, mesmo nos momentos em que este não está se comunicando com outras pessoas. A linguagem constitui o sujeito, a forma como este recorta e percebe o mundo e a si próprio. (GOLDFELD,2002, p. 18,19).

Inicialmente, revermos os conceitos de surdo e deficiência auditiva. Os dois termos estão corretos, porém existe muita diferença, o surdo é usado por aqueles que já nasceram surdos, ou seja, não desenvolveu o aparelho auditivo, portanto não consideram que possui alguma deficiência, para eles o fato de não ouvir é natural. Já, o termo Deficiência Auditiva – DA, é usado quando há perda na audição, causada por uma doença ou acidente.

A surdez ou perda auditiva ocorre em decorrência de alguns fatores, em que o período de aquisição pode ser dividido em dois grupos, os congênitos, quando nascem surdos, ou seja, sem o aparelho auditivo, e os adquiridos que ocorrem ao longo da vida com a perda da audição.

As causas são determinadas por fatores genéticos e hereditários. São chamados de pré-natais quando a surdez é provocada por fatores genéticos e hereditários, como exposição que a mãe teve durante a gestação várias doenças como; rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus e até drogas, os peri-natais, isto é, quando o parto é prematuro; e os pós-natais, ou seja, surdez adquirida ao longo da vida por doenças como meningite, caxumba ou sarampo.

A perda auditiva pode ser comprovada por um aparelho chamado audiômetro que mede a sensibilidade auditiva das pessoas, o grau de comprometimento obedece a uma escala com cinco níveis podendo ser unilateral (um ouvido) ou bilateral (dois ouvidos).Uma audição considerada normal é a de 15 dB, na leve 16 a 40 dB a pessoa escuta, mas em muitas situações sente dificuldade em captar sons de sussurro. Já, a surdez moderada vai de 41 a 55 dB é comum ter dificuldade para escutar uma voz baixa. Quando se tem dificuldade de ouvir uma conversa no tom normal é considerado surdez acentuada que vai de 56 a 70 dB, enquanto a surdez severa está entre 71 a 90 dB o indivíduo apresenta dificuldade de ouvir o telefone tocando , e acima dos 91dB é a surdez profunda, a dificuldade de escutar caminhões, aviões decolando, entre outros.

O fato do surdo ser diferente o torna, para muitas pessoas sem o conhecimento aprofundado, desqualificado. O seu efeito de indignidade é muito grande, algumas vezes ele também é considerado como tendo um defeito, uma fraqueza ou uma desvantagem. A criança surda sofre algumas consequências quando nasce no meio ouvinte, ela enfrenta determinadas dificuldades que a acompanha desde o nascimento até a vida adulta. Isso acontece principalmente com a falta de uma identidade cultural, muitas delas não se identifica na cultura surda mesmo depois da vida adulta, pois não teve contato com outros surdos por resistência da família.

Desse modo, a socialização da criança surda torna-se difícil, "nesses caminhos marcados pela oralidade a surdez não aparece" (LUZ, 2013, p. 131). Isso é recorrente quando esses pais persistem que ela se adeque ao ouvitismo. Skliar destaca:

O ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 1998, p. 15).

O termo ouvintismo, também foi utilizado por Gladis Perlin (1998) em sua pesquisa. Ela argumenta que esse termo mostra as relações de poder, de dominação, da visão de deficiência, de normalização, entre outros.

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. (PERLIN, 1998, p. 58)

Isso causa na maioria das vezes um conflito entre ambos desde o início. A descoberta da surdez em uma criança leva a longos processos de adaptação tanto no diagnóstico, para os pais que têm o fator surpresa e passam por um processo de frustração até aceitar o filho diferente do esperado.

Com isso, a família colocar o surdo dentro de uma "bolha", ou seja, um contexto fechado nas interações reais com o outrem na sociedade, tudo isso crendo que está protegendo seu filho, mas sabemos que não é esse o caminho ético do processo social de um surdo, a interação humana, comunicação e o vínculo afetivo são necessários ao desenvolvimento social, afetivo e psicológico do ser com surdez.

Nas subseções a seguir apresentamos parte da experiência vivenciada como uma mãe de surdo e suas percepções sobre o caminho percorrida até a aquisição da língua de sinais.

O diagnostico

No dia 07 de outubro de 2000 Ludmilla³ nasceu, aparentemente uma criança perfeita, porém percebi que ela não acordava com barulhos, com o passar dos meses ela foi respondendo aos sons. Quando tinha 8 meses começou a falar, a surpresa veio quando ela tinha 1 ano e 2 meses, que ela parou de pronunciar as palavras que já tinha aprendido e voltou a balbuciar, foi aí que levei-a pediatra. Foi solicitado uma série de exames e encaminhado a uma fonoaudióloga, mas eu já sabia que ela não tinha uma boa audição.

Nas palavras de Silva (2011):

Com a chegada de um filho com necessidade especial, no primeiro momento os pais vivenciam um sentimento de perda do filho “perfeito” e o desmoronamento de todos os sonhos construídos para o futuro. No caso da surdez, esses sentimentos surgem nos pais um pouco mais tarde, pois muitas vezes só se dão conta desse déficit auditivo com alguns meses de vida da criança, quando notam que a mesma não atende aos estímulos sonoros que lhe são dados (SILVA, 2011, p.16).

Em 2002 me deparei com o fator surpresa, fomos a cidade de Natal, localizada no estado do Rio Grande do Norte - RN fazer o Exame do Potencial Evocado Auditivo do Tronco Encefálico - BERA, exame que possui a finalidade de avaliar a atividade elétrica que ocorre em todo o sistema auditivo, desde a orelha interna até o córtex cerebral, possui duração média de 30 minutos e não causa nenhuma dor ou desconforto ao bebê, enquanto ele está dormindo. A única recomendação é não aplicar cremes, loções ou algum produto sobre a pele do bebê.

³ Ludmila é surda filha da autora Aurenice Mesquita. Nas três subseções diagnóstico, dificuldades e caminhos percorridos foram representados os relatos de experiência de Aurenice como mãe de surda.

O diagnóstico da surdez severa profunda da minha filha me deixou sem ação no momento. Nas palavras de Luz (2013), eu fiz assim: “vou ter que fazer minha parte, mas você tem que me ajudar porque eu não sei como fazer”. Eu sabia que precisava fazer algo e comecei a procurar quem poderia me ajudar ou o que eu poderia fazer. Carvalho (2000) afirma que:

Não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios objetivos, médicos ou educacionais, como surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança como a família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos, na medida em que tal diferença impõe, de forma imprevista e definitiva, a perda para sempre da ilusão do filho perfeito (CARVALHO, 2000 p. 69).

O primeiro a ser ajustado e que se faz necessário após o diagnóstico da deficiência é do sentimento de perda. A família tem que aceitar a "morte" do bebê perfeito, da criança sonhada (Petean, 1995). Comecei uma luta incansável por uma inclusão, a comunicação era primordial para ela e eu sabia da minha responsabilidade de fazer isso acontecer. Foi quando comecei uma luta diária, primeiro a procura de fonoaudiólogos na tentativa que ela fosse oralizada. Isso é comum quando se é confirmado um diagnóstico da surdez.

Dificuldades

Na época eu morava no sítio Gama, zona rural município de Antônio Martins - RN, onde não tinha nenhum apoio, mesmo minha filha tendo acompanhamento não conseguia desenvolver a fala. Já estava com 3 anos, eu ficava muito preocupada porque aproximava-se o tempo da alfabetização escolar, isso porque, na minha cidade o surdo era um sujeito à margem da sociedade, por falta de conhecimento sobre o assunto, e todos recebiam a nomenclatura de “mudo”.

Sobre as definições do que venha a ser surdo-mudo, nas palavras de Silva (2014):

O surdo não oraliza porque não ouve ou porque não lhe ensinaram. Mas ele pode usar a língua de sinais. Sendo assim, de maneira geral, o surdo não fala oralmente, mas “fala” por sinais. Entretanto, o fonoaudiólogo pode ajudá-lo a desenvolver também suas possibilidades de fala oral. (SILVA, 2014, p. 36).

Nesse sentido, eu procurei recursos em outra cidade, pois não queria que ela fosse mais uma surda sem acesso a inclusão ou qualquer outro atendimento especializado, e assim começou uma batalha semanal de vida e luta inclusiva, tínhamos que nos deslocar para outra

cidade para ela ter o atendimento com o fonoaudiólogo. Não foi fácil, o percurso de 170 km entre as cidade de Antônio Martins até a cidade de Mossoró - RN, mesmo assim não obtive os resultados esperados.

De acordo com Silva (2002):

Em uma abordagem clínica era comum considerar os surdos quase imbecis; e a aquisição de uma língua oral era vista como sua salvação, por permitir, não somente, ampliar suas conquistas sociais, mas, sobretudo, por ser a língua oralizada “mais completa” que os sinais (SILVA, 2002, p. 22).

Eu não tendo o conhecimento da língua de sinais na época tive o mesmo pensamento, mas no mês de janeiro de 2005 em uma dessas viagens semanais conheci Nairma Figueiredo, Psicóloga e fundadora do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS/Mossoró, que me falou sobre a necessidade dela aprender LIBRAS. Nairma disse: “olhe sua filha pode falar, tem um lugar aqui que ensina a língua de sinais, você precisa levar sua filha para lá”. Achei interessante a forma como ela falou sobre a língua, mas eu não sabia o que fazer porque para ela aprender eu teria que mudar para Mossoró e no momento era inviável, porém aquelas palavras não saiam do meu pensamento.

Marcia Goldfeld afirma que Vygotsky e Bakhtin compartilham da visão de que a linguagem é uma função comunicativa da construção do pensamento e que ela vem do externo para o interno por meio do convívio social, “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa a existir”. (GOLDFELD, 2001, p.56, apud VYGOTSKY, 1989, p.108).

A criança adquire alguma forma de linguagem rudimentar simbolizando e conceituando, já que vivem socialmente. A diferença está na qualidade e quantidade de informações das que os ouvintes recebem e trocam. Porém, o atraso da linguagem dá a eles uma grande dificuldade para compreender assuntos abstratos, lugares diferentes e situações passadas.

Fiquei pensando na possibilidade, mas as incertezas de mudar de cidade e ficar sem trabalho assustava, aos poucos fui amadurecendo a ideia, e no mês de agosto do mesmo ano citado acima, acabamos nos mudando para a cidade de Mossoró.

Caminhos percorridos

Chegando a Mossoró fui ao CAS que na época era conhecido como escola de normalistas, o atendimento era realizado a também a outras deficiências. Chegando lá vi outros

surdos e eles nos acolheram muito bem, vi nos olhos deles a felicidade ao ver uma criança de quatro anos sendo levada pela mãe para aprender LIBRAS. Dizeu e Caporali destacam:

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. (DIZEU e CAPORALI, 2005, p. 588).

O relato do autor mostra como a língua oral é imposta ao surdo, diante da necessidade que os mesmos já tinham conhecimento, mesmo assim continuam achando que a LIBRAS não é suficiente para a comunicação. Nessa ditadura ouvintista se faz necessário a luta e persistência do surdo por sua língua e sua cultura.

A língua natural do surdo é a LIBRAS e por essa que eles se comunicam, cabe a família aprender. A fluência faz a comunicação entre ambos sem lacunas, pois estamos falando de uma língua completa. O bilinguismo deve prevalecer entre pais ouvintes e filhos surdos. Por ter consciência que entre nós a comunicação deveria ser essencial, assim também que não era uma adaptação e sim uma nova língua.

Eu por acompanhá-la sempre ao CAS, ficava observando a professora sinalizando e comecei aprender alguns sinais. Ludmilla quando chegava em casa começava a sinalizar e me ensinar os poucos sinais que aprendia no respectivo dia, com isso fomos aprendendo juntas a língua de sinais. A barreira da comunicação foi quebrada e passamos a falar com as mãos. No ano de 2006 fiz meu primeiro curso de LIBRAS, fiz curso de tradução e interpretação, hoje sou intérprete de LIBRAS fui incentivada aprender pela necessidade da comunicação, hoje sou feliz com a profissão.

De acordo com Jokinen:

É importante que as crianças vivenciem experiências exatamente como qualquer outra criança ouvinte da mesma idade, tanto linguisticamente, como em outros aspectos. Os pais deveriam receber oportunidades de aprender tanto quanto possível a língua de sinais logo que descobrem que a criança é surda. (JOKINEN, 2009, p. 119)

Ela foi alfabetizada no CAS, mas foi na escola regular no atendimento na sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE que ela aprendeu a contextualizar conteúdos e entender respectivamente as especificidades de cada disciplina. Hoje é universitária, com 19 anos é uma surda politizada que sabe dos seus direitos e deveres, tem conhecimento da língua portuguesa como segunda língua - L2. Faria tudo novamente para ela ser quem é hoje. A sensação do dever cumprido, não ter me acomodado e enfrentar uma nova vida em uma cidade que a única coisa que eu sabia era que ela precisava desse atendimento.

A forma como os pais percebem as funções do aparelho auditivo, a influência da atitude do profissional que os atendeu, bem como a qualidade do aconselhamento, influenciam a decisão dos pais em relação aos recursos comunicativos (Eleweke e Rodda, 2000). Os pais procuram uma instituição, matriculam o filho surdo, no entanto, a permanência parece depender da aceitação da proposta da instituição pela família.

O que eu pude perceber foi que, no início, as mães questionam sobre o uso da língua de sinais, demonstram preocupação, ansiedade em relação à aprendizagem da fala e à integração do filho em uma sociedade ouvinte. Depois, à medida em que a família recebe informações sobre a abordagem do trabalho da instituição (bilingüismo: aquisição da língua de sinais e da língua portuguesa), algumas famílias continua no atendimento oferecido pelo CAS pelo fato de acreditarem na língua de sinais, e outras, por observarem de alguma forma os progressos dos filhos.

Ser mãe de surdo é ser engajada na luta por direitos e deveres. Não importa se o filho tem cinco ou dezoito anos, sempre há uma causa pra apoiar uma luta diária por uma inclusão linguística, todos os dia é uma conquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória desta pesquisa foram mostrados fatos históricos que por séculos as pessoas com necessidades especiais eram vistas como incapazes devido as suas limitações. Com isso mostrar a capacidade de se reinventar do ser humano mediante os desafios e mostrou a importância da comunicação entre pais ouvintes de filhos surdos.

O presente estudo não se destina a criar conceitos fechados, mas o de expandir as discussões em relação ao bilinguismo entre a família que tem um surdo. De acordo com essa perspectiva, o surdo tem o direito de usar a LIBRAS como também seus pais de aprender, onde

sejam atendidas as suas especificidades linguísticas, para isso é preciso que os pais tenham consciência que precisam expandir seus conhecimentos sobre as necessidades dos seus filhos.

O que podemos concluir das análises é que ser mãe de surdo é ser engajada na luta por direitos e deveres. Não importa a idade do filhos, sempre há uma causa pra apoiar uma luta diária por uma inclusão linguística, todos os dias é uma batalha, mas com muitas conquistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23dez. 2005.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso em: 20 set. 2020.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000, p. 99-116.

Carvalho, J. M. **O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico**. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11869>. Acesso em: 23 set. 2020.

DIZEU, L. C. T. B. CAPORALI, S. A. **A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo**. Campinas – SP: Educação e Sociedade, Alagoas, vol. 26, nº 91, p. 583-597, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87313716014.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

Eleweke C. J.; Rodda M. Fatores que contribuem para a escolha dos pais de um modo de comunicação a ser usado com seus filhos surdos. **American Annals of the Deaf**. Gallaudet University Press, vol. 145, nº 4, out. de 2000, p. 375-383. Disponível em: <https://europepmc.org/article/med/11037069>. Acesso em: 23 set. 2020.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda. Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio-Interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Socio-interacionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LUZ, R. D. **Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?** São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2013.

Lima, M. C. M. P. **Avaliação de fala de lactentes no período pré-linguístico: uma proposta para triagem de problemas auditivos.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312223>. Acesso em: 21 set. 2020.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis.** Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004%20&script=sci_arttext. Acesso em: 13 out. 2020.

POKER, R. B. **Abordagens de ensino na educação com pessoas surdas.** Modulo II. Texto 2. Unesp, p. 11, 2011. Disponível em:
https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/Modulo2/m2a2_texto2.pdf. Acesso em: 21 set. 2020.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

SILVA, Luciana Santana da. **A relação família/ Escola na Educação de Jovens surdas.** 2011. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2011.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Medição, 1998.

PERLIN, Gládis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Medição, 1998, p. 51-73.

PETEAN, E. B. L. **Avaliação qualitativa dos aspectos psicológicos do aconselhamento genético através do estudo prospectivo do atendimento das famílias.** Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/309858>. Acesso: 08 de jul. 2020.